



A ARTE COMO PRÁTICA EDUCACIONAL NO MOVIMENTO OPERÁRIO BRASILEIRO: RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO, 1906 A 1922

Gabriel Otoni Calhau Martins

NEPHEB/PPGEDU/UNIRO

gabrielotoni@gmail.com

Resumo

Este trabalho trata das práticas culturais, ligadas ao movimento anarquista no início do século XX. O estudo procura ampliar a discussão sobre a ótica libertária dos eventos sociais promovidos nos espaços operários. Percebemos que ainda são pouco estudadas as práticas não escolares no contexto da história da educação que problematize as experiências libertárias em educação. Nesse sentido, encontramos poucos trabalhos que estudam as ações culturais ligadas ao movimento operário. Esse estudo pode nos ajudar a apontar novos caminhos para a história da educação e a entender a formação e a organização política dentro dos movimentos sociais.

Palavras-chaves: Educação, Cultura, Anarquismo, Educação em espaços não escolares.

Introdução

No início do século XX, boa parte da população brasileira não tinha acesso à escolarização. Conscientes disso, consideramos importante para entender a educação brasileira estudar processos educacionais não escolares com o objetivo de revelar outros aspectos da aprendizagem.

O movimento sindical do Rio de Janeiro no início do século XX apresentou um projeto educacional, ligado à uma proposta de educação libertária. Foram criadas várias escolas que visavam à formação dos operários. Além das escolas os militantes publicavam jornais, realizavam festas, peças de teatro, cursos de formação, cine-club etc. (RODRIGUES, 1987)

Esse trabalho objetiva estudar as práticas artísticas e culturais ligadas ao movimento Operário do Rio de Janeiro e São Paulo entre 1906 e 1922. Pretende-se entender o papel das atividades culturais dentro do projeto de educação anarquista através de experiências que nos



permitam refletir sobre as relações entre educação e cultura popular. Busca-se entender como esses eventos contribuíram para a formação de uma consciência de classe e como eles serviram também de elementos de formação artística.

Metodologia

Segundo Hunt, 1992 no final da década de 1950, e início da década de 1960, um grupo de jovens historiadores marxistas começaram a publicar livros e artigos sobre “a história vista de baixo”, entre eles Thompson, George Rudé, e Albert Soboul. Esses historiadores procuravam escrever a história de pequenas minorias, entendendo que estas eram agentes no processo histórico. Inspirados nesses autores, historiadores da década de 1960 e 1970 abandonaram os seus relatos de líderes e instituições políticas e começaram a fazer relatos sobre composição social da vida cotidiana de operários, criados, mulheres etc. Moraes, 2013 nos mostra que essa preocupação já estava presente no movimento educacional anarquista no final do século XIX. O autor nos coloca em contato com O Compêndio de História Universal, de Clement Jacquinet, de 1901. Esse compêndio era o material didático utilizado para o ensino de história nas escolas modernas de Ferrer y Guardia¹, continha um conjunto de textos que expunham de forma resumida o conteúdo da disciplina. No prefácio do Compendio, Clement Jacquinet chama a atenção para a metodologia utilizada no livro. Ela critica a história entendida como relato de guerras e cronologia dos reis, revela sua preocupação em contar a história dos trabalhadores e excluídos.

Tomando como perspectiva histórica a história vista de baixo, para o nosso objeto de pesquisa, utilizamos como fonte primária jornais operários que circularam na época nos estados

¹ Ferrer y Guardia, foi um dos pensadores de educação que influenciou bastante os processos educacionais no Brasil. Ele desenvolveu as escolas modernas criticando a educação burguesa religiosa. “Sua primeira Escola Moderna foi fundada em 1901 em Barcelona. Em 1905 já eram quase 150 na Espanha, além de se espalhar pelo mundo, Portugal, França, Holanda, Chile, Brasil, entre outros” (MORAES, 2006). A condenação à pena de morte desse educador, originou manifestações em diversas partes do mundo, e fez com que suas idéias se espalhassem ainda mais. No Brasil foi montado um “Comitê Pró-Escola Moderna” formado em assembleia realizada em 17 de novembro de 1909 em São Paulo (RODRIGUES 1987).



do Rio de Janeiro e São Paulo. Procuramos nesses jornais, qualquer coisa que falasse sobre manifestações artísticas e culturais.

Espaço de socialização e cultura como práticas educacionais: possibilidades para a história da educação

Em os Românticos, E. P. Thompson (2002) demonstrou através de uma análise histórica que a partir da revolução francesa os conceitos de educação e experiência se tornaram cada vez mais distantes. Com o crescimento da cultura letrada tornou-se maior a rejeição dos métodos de cultura popular. Thompson nos chama a atenção de que o estudo de história da educação não deve estar necessariamente ligado à escolarização. O conceito de formação se manteve atrelado ao vínculo institucional e ao controle social. Pouco a pouco foi se tornando hegemônico a ideia de que lugar de aprender é na escola. Porém, quando temos por interesse estudar as culturas populares que fazem resistência ao estado, nos tornamos limitados se apenas consideramos os espaços escolares. A população que foi colocada fora das escolas criou seus métodos de aprendizagem. Dessa maneira, consideramos que as atividades artísticas e culturais estudadas para além do entretenimento foram atividades de formação. O contato com os anúncios de festas já nos permitiu alguns apontamentos sobre o potencial educativo dessas práticas.

Conclusões

Nos periódicos, Novo Rumo, A Voz do Trabalhador, Na Barricada e A Lanterna SP, A Plebe e A Guerra Social encontramos entre 1906 e 1921 cinquenta e três anúncios de bailes e festas operárias; cinquenta e uma peças de teatro; a criação das banda lira operária, no Rio de Janeiro e a Corporação Musical Operária da Lapa (CMOL) em São Paulo. Também foram encontradas Charges e alguns textos falando sobre arte.

Essa pesquisa está em andamento o que nos impossibilita de um apontamento conclusivo. Entretanto nossas primeiras impressões já nos indicam que essas práticas além de uma preocupação organizacional e de convivência, possuíam um cunho educativo claro, o que aponta a relevância do estudo sobre esses processos de educação. Podemos perceber a formação



artística e a formação política ocorrendo simultaneamente, encurtando a divisão entre vida e militância. Acreditamos ser importante situar esse processo dentro de um contexto social e político complexo da sociedade brasileira naquele período. Com isso, entender quais foram os obstáculos que impediram que esses projetos não fossem adiante. Através dessas pistas esperamos perceber caminhos para um projeto político que envolva arte e militância.

Referências

A GUERRA SOCIAL. Rio de Janeiro. RJ. 1911 a 1912.

A LANTERNA. São Paulo. SP. 1911 a 1916.

A VOZ DO TRABALHADOR. Rio de Janeiro. RJ. 1908 a 1914.

A PLEBE. São Paulo. SP. 1917 a 1922.

HUNT, Lynn, **A nova história cultural**. trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MORAES, José Damiro. **Leitura que recomendamos – O que todos devem ler: impressos didáticos e ensino de história nas escolas anarquistas**. Cadernos de História da Educação, v. 12, n. 1, jan/jun 2013.

NA BARRICADA, Rio de Janeiro, RJ. 1915 a 1916.

NOVO RUMO, Rio de Janeiro. RJ. 1906, 1907 e 1910.

RODRIGUES, Edgar- **Os Libertários**- Ideias e experiências Anárquicas. Petrópolis, RJ: Vozes 1987.

THOMPSON, Edward Palmer. **Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.